

SUGESTÕES DE ATIVIDADES



Meu amigo indiozinho
Luiz Antonio Aguiar

ISBN: 978-85-7848-007-3
21 x 26 cm | 56 páginas

**CARO(A)
PROFESSOR(A),**

Caro(a) professor(a), as atividades presentes neste roteiro de leitura são apenas sugestões. Cada professor(a) pode adaptá-las à realidade de sua escola e de sua turma, bem como à faixa etária de seus alunos, podendo criar outras atividades que julgue mais adequadas. Lembre-se que as atividades que envolvem a leitura devem priorizar aspectos lúdicos e também aspectos reflexivos, a fim de contribuir com o crescimento intelectual do leitor, despertando nele o desejo de mais e mais descobertas com os livros. Pondere sempre, ao indicar um livro, que o(a) professor(a) é um orientador da leitura, um mediador entre a criança/jovem e o livro.

APRESENTAÇÃO ::

Aos pequenos leitores

O livro conta a história de uma breve amizade, que levou duas crianças, de mundos e culturas diferentes, tentarem reciprocamente se entender. Compreender quem é diferente, procurar aproximações, onde tanta gente vê afastamentos, podem ser as coisas mais difíceis de se conseguir. Ainda mais no mundo de hoje. Por isso, esta é também uma história que talvez se torne importante para você por toda a sua vida. E aí está um segredo sobre livros, revelado só para você: há histórias que vão morar para sempre dentro da gente.

Aos pais, avôs e avós, tios, tias e professores:

Ler junto com suas crianças amadas torna a leitura literária mais uma coisa que vocês podem compartilhar – parte do afeto entre vocês. Abaixo, estão algumas sugestões que podem ser desenvolvidas com os leitores deste livro. São boas discussões para clubes de leitura ou grupos de amigos, ou colegas de colégio. E também reflexões interessantes, coisas para se pensar, como se fosse um prazer e um sabor extra para a leitura.

“Antes dos portugueses descobrirem o Brasil,
o Brasil tinha descoberto a felicidade.

Oswald de Andrade, *Manifesto Antropófago*, p. 51 (1928).



- Muitos grupos indígenas, organizados em defesa de seus direitos, hoje contestam a palavra *descobrimento* para

se referir à chegada dos portugueses ao Brasil. O antropólogo Orlando Villas-Boas (1914-2002), que dedicou sua vida de sertanista à solidariedade aos povos indígenas, declarou no livro *Para entender o Brasil* (SOBRAL, Marisa e AGUIAR, Luiz Antonio. São Paulo: Alegro, 2000, p. 266): “Eram cinco milhões, quando chegaram as caravelas portuguesas. Hoje, restam quando muito 200 mil, e cada vez mais se avança sobre eles. O maior genocídio da história da humanidade, e que ainda está em curso... Eles eram os donos da terra e foram invadidos. Os *chegantes* entraram em guerra com eles. Foram expulsos do litoral, foram perseguidos e exterminados”. O que você acha dessa perspectiva diferente da história do Brasil?

- Aliás, muita coisa da história do Brasil teria de ser *recontada* se a gente fosse nela incluir a cultura e a participação indígena. Por exemplo, você já ouviu falar na Confederação dos Tamoios? Pois foi um dos mais importantes (e tristes) episódios da história de nosso país. Ocorreu na década de 1550 e foi uma guerra entre nações indígenas (Tupinambá, Aimoré, Guaianaze e Termiminó) e os portugueses. Aconteceram heroicas batalhas, no litoral dos estados do Rio de Janeiro e São Paulo, em que os índios resistiam contra quem queria tomar suas terras e expulsá-los dos lugares onde viviam havia séculos. Os índios foram liderados por grandes chefes, como Cunhambebe e Aimberê. As nações indígenas foram derrotadas, ao final do conflito.

- Você já ouviu falar em Hans Staden? Foi um aventureiro alemão que, no século XVI, veio ao Brasil (duas vezes) e naufragou em nosso litoral (também duas vezes), sendo capturado pelos Tupinambás. Inclusive teve um encontro cara a cara com Cunhambebe. Trata-se de um dos poucos relatos sobre a civilização indígena original,

antes dos contatos com o colonizador que acabaram por destruí-la. Seria interessante conhecer mais sobre os relatos de Hans Staden, que ele deixou em livro, com traduções e adaptações publicadas no Brasil de hoje.

- Vale a pena entrar no site da Funai (Fundação Nacional do Índio – <http://www.funai.gov.br>) para conhecer as ações do governo para a proteção dos povos indígenas.

- Escritores, principalmente do período do Romantismo, deixaram romances e poemas que tinham como personagem central o indígena. Por exemplo, temos os poetas Gonçalves Dias – que escreveu o clássico poema *I-Juca-Pirama* (1951) e o Dicionário de Língua Tupi – e Gonçalves de Magalhães – que escreveu o épico poema *Confederação dos tamoios* (1857). Com enorme destaque, temos ainda José de Alencar, autor dos romances *O guarani* (1857), *Iracema* (1865) e *Ubirajara* (1874). Os românticos tinham uma concepção muito peculiar do indígena, idealizado – justamente no movimento chamado *indianista* – como o modelo de nativismo, de *brasilidade*, para substituir os valores *portugueses*, no processo de independência do Brasil. Vale a pena conhecer a obra desses escritores.

- E vale a pena também pesquisar na *internet*, jornais e revistas, buscando relatos de episódios sobre a situação atual dos índios no Brasil. Os personagens de *Meu amigo indiozinho*, nas entrelinhas do enredo, discutem alguns problemas cruciais, e que mais causam polêmica, como a demarcação de terras indígenas; a autonomia dos índios dentro dos seus territórios; a integração dos indígenas aos espaços oficiais da cultura brasileira, como a escola; a precariedade de vida nas reservas e muitos outros. Cada um desses temas mereceria estudos e exposições por quem se interessar em conhecer a história e atualidade da questão indígena em nosso país.

- Em *Meu amigo indiozinho*, os dois garotos começam a se aproximar pelo interesse que ambos têm pelo futebol. Você acha que o esporte pode ser uma via de comunicação entre as duas culturas? Por quê? Como isso poderia funcionar?
- Há regiões brasileiras em que elementos da cultura indígena, como culinária, palavras indígenas, música e outros estão mais presentes. Se esse é o caso da região onde você mora, que tal fazer um levantamento desses materiais?
- E há estudiosos, como os Irmãos Villas Boas (Claudio, Leonardo e Álvaro), que publicaram vários livros sobre lendas indígenas, defendendo que a maior e mais sutil presença indígena na cultura brasileira contemporânea, e o que nos diferencia de outros povos, como os da América do Norte e Europa, é uma predisposição em nossa visão do mundo para a aceitação de uma certa espiritualidade intrínseca à natureza e ao dia a dia. Você acredita nisso? Acha mesmo que esse é um fator de diferenciação de nossa *identidade como brasileiros*?
- Junto com os colegas, faça, primeiro, um resumo de *Meu amigo indiozinho*, comparando os destaques de todos. Depois, um debate, com a opinião de cada um, crítica etc. sobre a história. É sempre interessante confrontar as opiniões sobre um livro lido por todos.



Para professores, pais, avós, tios que quiserem saber de alguns dados sobre o autor, Luiz Antonio Aguiar (www.luizantonioaguiar.com.br) é carioca, aquariano de 1955. Mestre em Literatura Brasileira, é palestrante dedicado a temas como leitura na cultura contemporânea, Literatura e Clássicos. É professor do curso de qualificação em Literatura oferecido para professores de sala de leitura do Município do Rio de Janeiro, promovido pela parceria FNLIJ/SME. Coordena oficinas de leitura e é consultor editorial, organizando volumes e coleções, além de fazer outros trabalhos para as principais editoras brasileiras. Pela Editora Biruta tem publicados *Brincos de ouro e sentimentos pingentes*; *A espada turca*; *Bruxas, beijos e outros encantos*; *O baú do tio Quim* e *Meu amigo indiozinho*.